

**O AMOR ÀS LETRAS:
UMA ESCOLA E O SEU PROFESSOR EM UBERLÂNDIA/MG (1919/1933)¹**

**THE LOVE TO LETTERS:
A SCHOOL AND ITS TEACHER IN UBERLÂNDIA / MG (1919/1933)**

**EL AMOR A LAS LETRAS:
UNA ESCUELA Y SU MAESTRO EN UBERLÂNDIA / MG (1919/1933)**

Sandra Cristina Fagundes de LIMA²

RESUMO: Neste trabalho investigamos a trajetória de uma escola particular fundada pelo professor Jerônimo Arantes em Uberlândia durante a primeira República (1919-1933), o Colégio *Amor às Letras*. Para a realização da pesquisa, consultamos a documentação impressa (atas das reuniões escolares, diários de classe, jornais, revistas, provas de exames finais, fotografias e outros) e também as fontes orais. Embora localizado em Uberlândia, não podemos perder de vista que o Colégio *Amor às Letras* inseria-se em um contexto nacional de debates entre os defensores de uma escola renovada em métodos e conteúdos e os partidários da manutenção de uma escola organizada sob propostas tradicionais. Nesse sentido, a análise da trajetória da escola do professor Arantes, nessa mesma época, sugeriu a seguinte problematização: face ao embate entre os princípios da escola tradicional, criticada pelos reformadores, e os alardeados pressupostos de uma pedagogia renovada, em métodos e conteúdos, como se movimentou Arantes em seu colégio?

Palavras-chave: História da Educação. História das Instituições Escolares. Colégio Amor às Letras. Jerônimo Arantes. Uberlândia.

ABSTRACT: In this paper we have searched the trajectory of a private school founded by teacher Jerônimo Arantes in Uberlândia city, during the first Republic (1919-1933), the *Amor às Letras* School. To accomplish this search, we consulted printed documents (meeting records, class diary, newspapers, magazines, final tests, photographs etc), as well as oral sources. Although placed at Uberlândia, we must not forget that *Amor às Letras* School was inserted in a national context of debates between defenders of a school renewed in methods and subjects and those devoted to maintain a school organized under traditional proposes. In this meaning, the analysis of the school trajectory of teacher Arantes, at that time suggested the following problematic: due to the shock between the principles of the traditional school, criticized by reformists, and the flaunted presupposed of a pedagogy renewed in methods and subjects, how did Arantes acted in his school?

Keywords: Education history. History of School Institutions. Amor às Letras School. Jerônimo Arantes. Uberlândia.

RESUMEN: En este trabajo hemos investigado la trayectoria de una escuela privada fundada por el maestro Jerônimo Arantes en la ciudad de Uberlândia, durante la primera

¹Este artigo apresenta alguns resultados obtidos na tese defendida por Lima (2004) e se constitui em uma versão ampliada do trabalho publicado em CD-ROM nos Anais do III Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais (LIMA, 2005).

² Doutora em História pela UNICAMP. Professora de História da Educação da Graduação e da Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: sandralima@ufu.br

República (1919-1933), la Escuela Amor às Letras. Para realizar esta búsqueda, consultamos documentos impresos (registros de reuniones, diario de clases, periódicos, revistas, exámenes finales, fotografías, etc.), así como fuentes orales. Aunque se ubicaba en Uberlândia, no debemos olvidar que la Escuela Amor às Letras se insertó en un contexto nacional de debates entre defensores de una escuela renovada en métodos y asignaturas y aquellos dedicados a mantener una escuela organizada bajo propuestas tradicionales. En este sentido, el análisis de la trayectoria de la escuela del profesor Arantes, en ese momento sugería la siguiente problemática: debido al choque entre los principios de la escuela tradicional, criticada por los reformistas, y el presunto presupuesto de una pedagogía renovada en métodos y sujetos, ¿cómo actuó Arantes en su escuela?

Palabras claves: Historia de la Educación. Historia de las Instituciones Escolares. Colegio Amor às Letras. Jerônimo Arantes. Uberlândia.

À pesquisa sobre a história das instituições escolares, na perspectiva do que propõe Juliá (2001) para a compreensão da cultura escolar, encontra-se subjacente a necessidade de buscar a legislação que regulamentou as escolas, analisar os currículos que eram adotados e, sobretudo, indagar sobre os seus sujeitos. Afinal, como já dizia Marc Bloch (2000, p. 54), o historiador, tal qual o monstro da lenda, “Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.” Com efeito, deve-se perguntar sobre os alunos, professores, pessoal técnico-administrativo e pais de alunos. No que concerne aos alunos, por exemplo, interessa perscrutar a sua origem social, o gênero, as expectativas que construíam para a escola, dentre outros aspectos. Relativamente aos professores, importa conhecer a sua formação, as suas práticas, o seu estatuto profissional, os sentidos atribuídos à instituição onde atuaram, as relações de sociabilidade estabelecidas com alunos e demais membros da comunidade escolar.

Isso tudo implica que a compreensão da história de uma escola, de duas escolas ou de várias se efetiva ao se considerar que há um movimento interno, o chamado cotidiano escolar, regulado por um conjunto de normas, produzido e modificado pelos sujeitos e no qual esses se movimentam, se apropriam dos conteúdos e dos métodos, produzem as condições necessárias ao processo de ensinar e de aprender e constroem as relações de sociabilidade. Há também que se considerar esse cotidiano escolar inserido num determinado espaço social, que ao mesmo tempo em que influencia a escola é transformado por ela. Em síntese, a história das instituições escolares pressupõe o esforço de compreensão da escola apreendida em sua cotidianidade, em sua internalidade e, de outro lado, em suas relações com a comunidade externa, com a sociedade que a circunda. (MAGALHÃES, 2004; REGOURD, 1990).

Este artigo tem, portanto, o objetivo de analisar a história do *Colégio Amor às Letras* e a atuação de Jerônimo Arantes³, proprietário e professor dessa escola, no período de 1919 a 1933. Para tanto serão observados os aspectos metodológicos que devem presidir a pesquisa acerca da história das instituições escolares, sobre os quais discorreremos nos parágrafos antecedentes. Contudo, em decorrência da limitação das fontes (devido à sua descontinuidade e também inexistência de muitos documentos levados pelo tempo e por uma cultura do descarte), não foi possível aprofundar todos os aspectos acima elencados. Por essa razão, o alcance da análise foi delimitado pelo acesso possível aos poucos documentos preservados, dentre os quais destacamos: atas das reuniões escolares, diários de classe, jornais, revistas, provas de exames finais, cartilhas, livros didáticos e fotografias. Tais documentos encontram-se, em sua maioria, depositados na Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA) no Arquivo Público de Uberlândia (ArPU). Nessa coleção, alguns documentos estão arquivados em pastas temáticas (PT). Além do ArPU, consultamos também documentos de acervos particulares, todos identificados ao longo deste artigo.

Subjaz à nossa análise a seguinte problematização: tendo em vista que as primeiras décadas do século XX, nas quais localizamos essa pesquisa, foram marcadas pelo embate entre os defensores da escola denominada tradicional e os arautos dos pressupostos de uma pedagogia renovada em métodos e conteúdos, como se movimentou Arantes em seu *Colégio Amor às Letras*?

Inaugurado no ano de 1919, em Uberlândia, o *Colégio Amor às Letras* veio somar-se a alguns estabelecimentos particulares de ensino primário já existentes. Havia, no período, uma considerável movimentação em torno da abertura de escolas particulares na cidade, assim como no município vizinho de Uberaba e nos demais estados da federação. De acordo com Mello e Novais (2002, p. 594), no Brasil, o predomínio do ensino público sobre o privado só vai se acentuar na década de 1960, quando: "O ensino de primeiro grau (os antigos primário e ginásio) [...] já era

³ Além de fundar a escola e de ser o seu professor, Arantes (23 de julho de 1892 - 19 de maio de 1983) "[...] atravessou o século XX ocupando-se com a realização de pesquisas, o trabalho na imprensa, a coleção de documentos, a produção de uma literatura escolar e a escrita de livros e artigos acerca da história de Uberlândia. Nesse sentido, atuou na fiscalização dos trabalhos educacionais, uma vez que, como funcionário público, foi inspetor municipal de ensino e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (cargo que, atualmente, corresponde ao de Secretário Municipal de Educação); lidou com empreendimentos jornalísticos, haja vista sua iniciativa de produzir e editar, durante três décadas, uma revista local denominada *Uberlândia Ilustrada*; assim como empreendeu longas incursões no âmbito da história, tendo-se envolvido por seis décadas com a pesquisa e a escrita da história da cidade". (LIMA, 2004, p. 09).

ministrado, pelos estados e municípios, para cerca de 7,5 milhões de discentes, contra apenas os 860 mil dos colégios privados." Em âmbito mais local, o total de escolas particulares instaladas na região, que compreendia a 40ª Superintendência Regional de Ensino, da qual Uberlândia fazia parte, era de 7 estabelecimentos para apenas 4 escolas públicas (ARANTES, 1941). Essas instituições particulares de ensino predominaram, em Uberlândia, até o ano de 1940 em detrimento das escolas públicas.

A escola fundada por Jerônimo Arantes incluía-se, portanto, nessa tendência privatista do ensino que vigorou na região até os anos de 1940 (tendência que refletia, dentre outros fatores, o desinteresse do Estado e a falta de verbas dos municípios para assumir a educação como uma de suas atribuições), com a ressalva, porém, de não ter sido essa escola de caráter confessional, como era o mais freqüente no período; pois, embora particular, o *Amor às Letras* caracterizava-se por ser uma escola laica.

Jerônimo Arantes era o proprietário e também o professor dessa pequena escola fundada em uma também pequena cidade que, à época, denominava-se São Pedro de Uberabinha, ou, simplesmente, Uberabinha⁴, situada no interior do Estado de Minas Gerais, na sub-região conhecida como Triângulo Mineiro. No início dos anos 1920, a população dessa pequena cidade era estimada em aproximadamente 5.000 habitantes, mais precisamente, “[...] o recenseamento federal realizado em 1920, dois anos após a chegada de Arantes na cidade, apurou um total de 5.453 habitantes distribuídos em 1.118 prédios”. (LIMA, 2004, p. 24).

O estabelecimento do professor Arantes era pequeno, instalado em prédio próprio (tal qual muitos outros espalhados pelo país), mais precisamente, em uma das salas localizada na parte da frente da residência de seu proprietário, localizada no Largo do Rosário, hoje Praça Ruy Barbosa (ARANTES, 2000). Em uma das visitas realizadas àquela escola, o funcionário do serviço de inspeção registrou uma vaga descrição do referido prédio: “As aulas funcionam em prédio pertencente ao citado diretor, amplo e com a metragem necessária”. (UBERLÂNDIA, 1928b, p. 31).

Essas pequenas escolas, funcionando apenas em uma sala improvisada, muitas vezes, contígua à casa do professor, constituíam-se no oposto do que a legislação educacional mineira estipulava como critério para a construção dos grupos escolares

⁴ Até 19 de outubro de 1929 a cidade era denominada São Pedro de Uberabinha, a partir de então, por força da Lei Estadual 1128, a cidade passou a se chamar Uberlândia. Não obstante, nesse artigo optamos por manter esse último nome tendo em vista que o recorte cronológico adotado abrange as duas denominações e o ir e vir da análise nos obrigaria a referir ora a Uberabinha e ora a Uberlândia, o que poderia gerar incompreensão aos leitores.

desde a segunda década do século XX. O Decreto n.º. 3191, de 9 de junho de 1911, também denominado Regulamento Bueno Brandão, especificou minuciosamente os aspectos que deveriam ser observados na instalação física daqueles grupos, assim como forneceu detalhes acerca dos materiais didáticos necessários para o seu funcionamento (MOURÃO, 1962). Mas, a despeito da legislação, escolas como o *Amor às Letras*, funcionando em residências e/ou outros espaços improvisados, não se constituíam exceção nas primeiras décadas do século XX e tampouco eram exclusividade de Uberlândia, pois, mesmo que os primeiros grupos escolares tenham sido construídos em São Paulo na última década do século XIX, ainda nos anos de 1920 e de 1930 havia carência daquela modalidade de escola nas capitais e em cidades maiores espalhadas pelo país (FARIA FILHO; VIDAL, 2000). Em Minas Gerais, por exemplo, a autorização para a formação dos grupos ocorreu em 1906 e, durante vários anos, a expansão desses espaços escolares foi processada timidamente; pois além de incluir poucas localidades, nestas onde eram instalados havia uma quantidade reduzida de estabelecimentos. Na maior parte das vezes, e durante anos, as cidades contavam apenas com um grupo escolar. O caso de Uberlândia é paradigmático dessa carência, pois a primeira escola daquele porte, denominada Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, só foi inaugurada na cidade em 1 de fevereiro de 1915.

O *Amor às Letras*, ao contrário, além do tamanho reduzido, caracterizava-se também por ser subvencionado pela Câmara Municipal. Esta custeava a matrícula, bem como as mensalidades de alguns alunos carentes, conforme atesta um ofício enviado pelo presidente daquela Casa ao professor Arantes em 1923 (MARQUEZ, 1923). Outro documento dirigido ao presidente da Câmara também confirma subvenção da referida escola pelo poder público municipal; trata-se de um requerimento solicitando a matrícula na escola de Arantes de um aluno sem recursos financeiros, uma vez que o grupo escolar da cidade encontrava-se superlotado (CONCEIÇÃO, 1927).

Além destes documentos, uma fotografia datada do ano de 1919 e tirada na parte externa do colégio *Amor às Letras*, ou seja, no quintal da residência de Arantes, também serve como pista para comprovarmos essa subvenção. A imagem retrata Arantes ao centro, apoiando o braço esquerdo em um livro, ladeado por um grupo de alunos predominantemente do sexo masculino, que também trazem em suas mãos um objeto que tanto pode ser livro quanto um caderno. Embora a pose ativa do professor, cuidadosamente trajado de terno e gravata, assim como o esmerado cuidado no vestuário de alguns alunos, três crianças sentadas à frente e uma em pé apresentam-se

descalças, denotando a origem de classe desfavorecida e, por conseguinte, a possível condição de alunos subvencionados.

Figura 1- Arantes e alunos do “Colégio Amor às Letras”, Uberlândia, 1919. Acervo Delvar Arantes.



Fonte: Arquivo da Autora.

Não encontramos na documentação pesquisada referências diretas às características dos cursos oferecidos pelo *Colégio Amor às Letras* à população local. Este dado encontra-se disperso em alguns termos de visita elaborados pelo inspetor de ensino da época e também em um documento de publicidade pelo qual se informa que, na referida escola, eram oferecidos:

Curso primário, pelas normas do programa oficial de Minas, ampliado em algumas matérias, e um curso prático, que se destina a preparar o estudante para a vida pratica. As matérias deste curso podem ser escolhidas pelos interessados. O colégio mantém uma aula noturna para adultos. Não se lecionam línguas. Trata-se, neste curso, de desenvolver um programa útil na vida pratica. (COLLEGIO, s.d.).

Contrariando o anúncio publicitário, consta, em alguns termos de visita da inspetoria escolar, que, no referido colégio, funcionava apenas o curso primário em

período diurno e noturno, sendo que, no turno da noite, no horário das 18h às 21h, a escola era “cedida” para a Prefeitura, que mantinha uma cadeira de ensino primário. Permanece, então, a dúvida se o curso prático, referido no documento supra citado, foi implantado posteriormente a esses termos de visita ou se nunca chegou a funcionar, existindo apenas no folder que veiculava a propaganda.

No que diz respeito ao funcionamento da escola no período diurno, embora conste, em um termo de visita do ano 1919, que o *Colégio Amor às Letras* oferecia, além do primário, o curso secundário, o conjunto da documentação pesquisada revelou apenas a existência do primeiro, que era ofertado em regime de escola particular no período diurno, com as aulas iniciando às 11h. e encerrando às 16h. (UBERLÂNDIA, 1919). Conquanto os documentos mencionem cinco horas diárias de aulas, o mais usual era o tempo escolar ser distribuído em quatro horas apenas, obedecendo a uma grade de horário bastante austera (FARIA FILHO; VIDAL, 2000). Em seu depoimento, Delvar Arantes (filho primogênito do fundador do Colégio Amor às Letras) diz recordar-se de que o estabelecimento funcionava como escola particular em dois turnos, sendo que, no turno da manhã, estudavam os alunos mais adiantados e no da tarde aqueles que se encontravam mais atrasados (ARANTES, 2000). No entanto, a documentação consultada não fornece esse grau de detalhamento.

Pela documentação consultada constata-se que o funcionamento do curso noturno existente no *Colégio Amor às Letras* ocorreu no período de 1924 a março de 1927 e esse curso era gerido pelo poder público municipal (daí a escola ser denominada *Escola Municipal de Uberabinha*, noturna), conforme atestam os termos de visitas elaborados pelo inspetor municipal de ensino. A escola noturna era multisseriada e unidocente, posto que havia apenas um professor para atender a todas as “séries”, o denominado professor polivalente. Durante o ano de 1924, essa escola foi regida pela professora Alice Paes e, nos anos de 1925, 1926 e início de 1927, assumiu a regência o próprio professor Arantes.

Sobre a quantidade de alunos, os dados revelam que, embora não contasse com prédio próprio e funcionasse, portanto, na residência de Arantes, a escola possuía um número razoável de alunos para uma cidade que, além de localizar-se no interior do estado, distante, pois, da capital e de outros grandes centros, tinha dimensões reduzidas, com uma população estimada em apenas 5.453 habitantes no ano de 1920, 6.783 habitantes em 1925 e 9.560 habitantes em 1932 (FLEURY, 1939).

Segundo documento da inspetoria de ensino, 47 alunos concluíram seus cursos ao término do ano de 1926, pois este foi o número daqueles que realizaram as provas dos exames finais (UBERLÂNDIA, 1926). Em dois anos posteriores, os termos de visitas elaborados pelos inspetores de ensino forneceram dados mais precisos e, por intermédio deles, ficamos sabendo que, em 1928, existiam 119 matriculados na referida escola e, um ano depois, em 1929, o número de matrículas decresceu, atingindo um total de 80 alunos (UBERLÂNDIA, 1928b; 1929). No entanto, ainda assim, a referida escola continuou sendo caracterizada por contar com uma frequência regular, apresentando números semelhantes aos de outras instituições particulares de ensino primário existentes em Uberlândia no início da década de 1930, como, por exemplo, o Colégio São José, que possuía, no mesmo período, 72 alunos matriculados, e o Lyceu, que contava com 67 alunos (A VIDA, 1930).

Conquanto destinado a alunos dos dois sexos, predominava no *Colégio Amor às Letras* a matrícula de meninos. Do total de 80 alunos registrados naquela escola em 1929, 60 eram do sexo masculino e apenas 11 do sexo feminino (UBERLÂNDIA, 1928a)⁵. Em 1930, embora tenha diminuído o total de alunos matriculados, observou-se a mesma predominância do sexo masculino, que somava 51 alunos, para apenas 9 do sexo feminino (A VIDA, 1930). O número maior de matrícula de alunos pertencentes ao sexo masculino constituía-se em uma característica das instituições escolares noturnas espalhadas por todo o país, sobretudo, aquelas que ofereciam os cursos técnicos. A própria legislação que regulamentava o ensino no estado de Minas Gerais estabelecia que esses cursos noturnos destinavam-se à população masculina, com idade oscilando entre 16 a 40 anos, que não havia frequentado a escola durante a infância (MOURÃO, 1962).

No que concerne ao currículo do curso diurno oferecido pelo *Colégio Amor às Letras*, a documentação não traz detalhes acerca do elenco de disciplinas existentes. Por exemplo, no primeiro ano o documento refere-se apenas à oferta de Aritmética. Contudo, outras disciplinas deveriam ser obrigatoriamente ministradas, uma vez que a reforma estadual, implementada na educação em Minas Gerais no ano de 1906, prescrevia para o programa de ensino primário as seguintes disciplinas: Leitura,

⁵ O documento consultado apresenta um problema relacionado ao número total de alunos, pois somando os 60 meninos com as 11 meninas não se atinge o total de 80 alunos. No entanto, tal Ata foi indicada como fonte por fornecer, ainda que de forma imprecisa, um quadro relativo à questão de gênero existente no ambiente escolar de uma das escolas instaladas na cidade de Uberlândia na década de 1920.

Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, Geometria e Desenho, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais e Exercícios Físicos (FARIA FILHO; VAGO, 2001). Com relação ao segundo ano, o livro de ata em que se registrou o termo de visita forneceu mais detalhes, por meio desse verificamos que constavam as seguintes disciplinas: Francês, Aritmética, Geometria Prática, Geografia, História Natural e do Brasil (UBERLÂNDIA, 1919).

Não podemos afirmar se todas as disciplinas estavam incluídas no programa desenvolvido no *Colégio Amor às Letras*, mas a consulta a uma das peças de teatro escrita por Arantes e denominada O pimenta, publicada na revista *Uberlândia Ilustrada*, possibilitou, ainda que hipoteticamente, deduzir parte do elenco de disciplinas adotadas. Essa peça tem como tema a escola, e, pelo diálogo travado entre duas personagens que representam papéis de estudantes, é possível apreender algumas das características do currículo vigente nos estabelecimentos de ensino primário antes de 1940: Língua Pátria, Geografia Geral, História do Brasil, Aritmética e Desenho (DALBAS JUNIOR, 1940). Porém, não é possível afirmar em que séries eram ministradas essas disciplinas e nem se elas faziam parte do currículo do *Colégio Amor às Letras*. No entanto, como a peça foi escrita pelo proprietário daquela escola, não seria exagero pressupor a correspondência curricular existente entre a referência literária e a realidade escolar em questão.

Ademais, essas disciplinas constantes da peça O pimenta aproxima-se muito do currículo estipulado em 1892 pela Reforma Afonso Pena para as escolas urbanas em Minas Gerais, que deveria compreender: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Instrução Moral e Cívica, Noções de Agricultura; Higiene, Trabalhos de Agulha (apenas para o sexo feminino), Geografia (Geral, do Brasil e do estado de Minas), História de Minas, Ciências Físicas e Naturais (MOURÃO, 1962). Esse elenco de disciplinas também se correlaciona com aquele que passou a vigorar a partir de 1892 nas escolas preliminares do estado de São Paulo. As disciplinas estabelecidas para o curso primário, a partir de então, possuíam um caráter marcadamente científico e uma boa dosagem de conteúdo moral (FARIA FILHO; VIDAL, 2000).

No curso noturno, eram oferecidas as seguintes disciplinas aos alunos do primeiro ano: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética e Educação Moral e Cívica. No segundo e terceiro anos, essa lista ampliava-se: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética e Geografia eram aquelas oferecidas no segundo ano, e, no terceiro, os

alunos tinham Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia, História do Brasil e Agricultura.

Conforme divulgava o folder da escola noturna, os conteúdos avaliados nas três séries, referentes ao conjunto de disciplinas supra mencionado, apresentavam uma preocupação em explorar os temas trabalhados durante as aulas tendo em vista aproximá-los da realidade que parecia ser aquela vivenciada pelos alunos. Nesse sentido, a história do Município, bem como suas características político-geográficas, estava presente em todos os exames de História e Geografia. As provas de Geografia, aplicadas ao segundo e terceiro anos, e a de História, ao terceiro ano apenas, revelam também a preocupação em oferecer aos alunos um ensino prático, voltado para as suas necessidades cotidianas. Pois em ambas as disciplinas cobravam-se conhecimentos relativos ao relevo do Estado de Minas e do município de Uberlândia, assim como dados histórico/políticos das mesmas localidades. No segundo e terceiro anos, por exemplo, as questões da prova de Geografia abrangiam os seguintes aspectos:

1. Qual a posição do prédio escolar em relação à cidade de Uberlândia?
2. Qual a posição dos rios e córregos em relação ao prédio escolar? [...]
4. Quais as estradas para a sede do município e para os municípios vizinhos? (UBERABINHA, 1925a).
8. Qual a população do Brasil?
9. Qual a de Minas?
10. Qual a do município de Uberabinha?
11. Qual a da cidade de Uberabinha?
14. [...] Contorno de Uberabinha com o nome dos Municípios limítrofes e os três grandes rios do Município; a posição da escola e a da sede do município com a estrada publica para esta? (UBERABINHA, 1925b).

Da mesma forma, o enunciado dos problemas avaliados em Matemática referia-se a situações próximas daquelas que povoavam o dia-a-dia dos habitantes da pequena Uberlândia, como, por exemplo, as quatro operações aritméticas.

Os conteúdos abordados nessas avaliações, elaboradas e aplicadas por Arantes, relacionam-se com a tentativa de “regionalização do ensino”. Segundo Nagle (2001), durante a primeira República, circulou, nos meios educacionais brasileiros, um conjunto de orientações de reformulação curricular que ficou conhecido como regionalização do ensino. Na sua base, situava-se a preocupação em diversificar a escola com vistas a atender as particularidades regionais, tornando o ensino mais dinâmico, "mais vivo". Para tanto, fazia-se necessário ministrar conteúdos que tivessem aproximação tanto com as experiências vivenciadas pelas crianças quanto com a realidade sócio-cultural do meio social mais imediato.

Nesse sentido, ao incluir as questões relativas à história local, ao relevo da região e aos aspectos políticos locais, as avaliações aplicadas no *Colégio Amor às Letras* demonstram uma certa familiaridade com os preceitos da regionalização do ensino e com os programas curriculares defendidos pelos renovadores do ensino, a partir das décadas de 1920 e 1930, pois, ao contrário do que convencionou uma dada vertente de análise acerca dos pressupostos da Escola Nova, este movimento não pode ser confundido com um predomínio da Psicologia e com o conseqüente emprego de seus conceitos em detrimento de preocupações acerca dos programas curriculares (CUNHA, 1995).

Na sua escola, além daquelas disciplinas, o professor Arantes proporcionava aos alunos uma iniciação ao teatro, pois escrevia textos para serem encenados por eles, sob a sua direção. Ao que indica o livro *Minha escola modelo*, o conteúdo das peças encenadas deveria ter objetivo pedagógico, tratando sempre de assuntos de conotação moral e instrutiva (ARANTES, 1938b). Segundo Delvar Arantes, na escola de seu pai, os teatros (ou “teatrinhos”, como ele denominou) eram realizados, principalmente, nos cursos noturnos, pois estes eram freqüentados por alunos adultos, na sua maioria, trabalhadores, que precisavam de muito, muito estímulo mesmo para permanecerem na sala de aula depois de um longo e estafante dia de trabalho. Parece que essa estratégia didática era mesmo eficaz para cativar os estudantes, pois mesmo após deixarem o curso noturno alguns egressos da escola de Arantes ainda continuavam atuando nas peças montadas pelo ex-professor (ARANTES, 2001).

Outra atividade desenvolvida por Arantes em suas aulas referia-se ao emprego de algumas estratégias com a finalidade de construção e preservação da memória. Revelando o interesse que ele nutria pela pesquisa acerca do passado, existia em sua escola um museu organizado pelos alunos sob sua orientação. Como havia no currículo da escola noções de Ciências Naturais, infere-se que esse museu, além dos jornais e de outros documentos colecionados por Arantes, contava com vegetação e insetos que poderiam constituir-se objeto de estudo referente aos conteúdos daquela disciplina. Havia também uma “galeria dos homens célebres”, que não era utilizada apenas como ornamento, mas, segundo o termo de visita elaborado por Alice Paes, servia também como material didático, uma vez que a referida inspetora afirmou ter interrogado os alunos a seu respeito, “obtendo dos argüidos ótimas respostas”. (UBERLÂNDIA, 1928d, página não identificada).

Ao visitar o *Colégio Amor às Letras*, uma funcionária da inspetoria do Serviço de Educação mencionou outras atividades realizadas pelo professor Arantes com os seus alunos: “São adotados os cantos escolares, ginástica e excursões”. (UBERLÂNDIA, 1928c, página não identificada). Conquanto a inspetora tenha mencionado os *Cantos Escolares*, não encontramos nenhuma referência a esta atividade nos demais documentos consultados.

No tocante às aulas de Ginástica, embora na documentação pesquisada não constem informações detalhadas sobre quais eram as atividades desenvolvidas, no livro *Minha escola modelo*, Arantes menciona que, durante o recreio, os alunos faziam ginástica, e o exercício desenvolvido era pular corda. O autor descreve esta atividade de forma detalhada e ressalta, inclusive, alguns dos benefícios advindos dessa prática desportiva, a saber, “desenvolve a musculatura das pernas, auxilia as funções intestinais e agita a respiração”. (ARANTES, 1938a, p. 21).

Sobre as excursões, sabe-se que foram regulamentadas pelo mesmo Decreto n.º. 1969. Este documento definiu que sua realização deveria ocorrer fora do horário escolar (MOURÃO, 1962). Delvar Arantes afirmou ter acompanhado o pai nessas caminhadas educativas. Segundo ele, esses passeios eram realizados sempre aos domingos, com destino a uma região situada nas imediações da cidade, próxima ao Rio Uberabinha, para onde o professor Arantes partia a pé com seus alunos, proporcionando-lhes noções práticas de conhecimentos científicos, notadamente daqueles relativos à área de história natural. Nessas aulas de laboratório realizadas ao ar livre, o professor, além de fornecer explicações rudimentares de botânica e entomologia, coletava todo o material que julgasse de interesse educativo, tais como: folhas, cascas de árvores, borboletas, gafanhotos, lacraias e outros; em seguida, fornecia aos alunos as explicações acerca dos vegetais e insetos recolhidos (ARANTES, 2001).

A inclusão da ginástica e do ensino de ciências no curso primário inscreveu-se em uma tentativa deflagrada no século XIX de substituição de uma escola tradicional, literária e clássica, por outra de caráter mais pragmático, na qual deveriam ser ministrados “conhecimentos úteis de natureza social, moral e cívica”. Colocava-se, naquele momento, a urgência de adequar os conteúdos escolares à necessidade de modernização do país e também de formação das camadas populares. É, pois, nesse sentido, que assistimos à escolarização de outros saberes sociais, além daqueles já

consagrados como tendo natureza escolar. Dentre os saberes que passaram a fazer parte dos programas educacionais, Souza destaca:

[...] a ginástica, a música e o canto, os valores morais e cívicos, o desenho, a escrituração mercantil, o sistema de pesos e medidas, as noções de horticultura e arboricultura, os trabalhos manuais, a higiene, a puericultura, a economia doméstica, entre outros. (SOUZA, 2000, p. 15).

Além da afinidade com esse aspecto ressaltado por Souza, as atividades extracurriculares que Arantes punha à disposição dos seus alunos parecem inscrever-se em uma perspectiva didático-pedagógica que ficou conhecida como ‘método intuitivo’. Esse método foi amplamente difundido na Europa na segunda metade do século XIX e chegou ao Brasil no final do mesmo século, adentrou o XX tendo influenciado educadores brasileiros até os anos de 1930. Uma das principais características do método intuitivo consistia na defesa do princípio segundo o qual a aprendizagem ocorreria por meio de procedimentos naturais, e, portanto, era fundamental entender que o elementar na educação escolar residiria no processo de aprendizagem obtido por meio da interação concreta estabelecida entre o aluno e os objetos que lhe eram apresentados e não, fundamentalmente, na transmissão de conhecimentos pelo professor (RESENDE, 2002).

Influenciados pela tradição empirista, os partidários desse deslocamento do processo de ensino para a questão da aprendizagem defendiam a observação e a intuição como elementos essenciais para assegurar a aquisição de conhecimento, daí, esse procedimento ficar conhecido como método intuitivo. Com base nesse pressuposto, a partir de 1870, alguns professores da escola primária começaram a voltar sua atenção para o aluno como sujeito do processo de escolarização, interessando-se em proporcionar-lhe atividades que garantissem uma educação dos sentidos, por meio da qual poderia ser assegurada uma aprendizagem acerca do conhecimento sensível. Para os adeptos do referido método, os elementos desencadeadores dessa educação sensível poderiam ser obtidos tanto por meio da análise e manuseio dos objetos em sala de aula quanto pela observação da natureza e dos seus fenômenos, por meio das pesquisas de campo. Essa etapa inicial, denominada “lições das coisas”, ficaria assegurada mediante a observação dos objetos existentes na escola (mesa, carteiras, porta e janelas); exploração de mapas, gravuras impressas e também daqueles materiais trazidos de casa, tais como: lápis, cadernos, livros e outros;

assim como por meio de passeios, excursões e demais atividades realizadas ao ar livre, fora do ambiente da sala de aula.

Essa tentativa de tornar os conteúdos mais atraentes, por meio da sua aproximação com o cotidiano das crianças, começou a ser difundida no estado de Minas Gerais a partir do ano de 1911, quando foi aprovado o novo regulamento geral da instrução do Estado. Nesse documento, constavam algumas determinações que iam ao encontro dos princípios defendidos pelos entusiastas do método intuitivo, tanto no que diz respeito aos processos de ensino quanto no que se refere aos recursos didáticos que deveriam ser utilizados para viabilizá-los. Os artigos 188 e 290 do regulamento ilustram esse aspecto; o último, em particular, estabeleceu as seguintes determinações:

Art. 290: São proibidas as teorias puras e as abstrações, considerados como tais todos os conhecimentos que as crianças não puderem adquirir pela observação direta dos fatos e dos fenômenos. [...]. O art. 188 do regulamento diz: São aparelhos necessários ao ensino e de que oportunamente todas as escolas serão providas: 1º. Uma bandeira nacional; 2º. Um globo terrestre; dois mapas geográficos, sendo um do Brasil e outro do Estado de Minas; 3º. Um contador mecânico e uma coleção de pesos e medidas; 4º. Sólidos e aparelhos necessários ao ensino de geometria; estojo de desenho; 5º. Instrumentos para a execução de trabalhos manuais, incluídos na classe: um sacho, uma sachola, um ancinho, um forcado, tesouras para arvores e de podar, um plantador, um desplantador, uma pá, um regador, um podão, um canivete e um ingeridor; 6º. Aparelhos para o ensino intuitivo das noções e princípios fundamentais, mais rudimentares, de física e de química; 7º. Pequenos museus ou coleções de historia natural. (RESENDE, 2002, p. 446).

Na década de 1920, já havia se tornado uma prática mais ou menos empregada nos meios educacionais de Uberlândia a necessidade de superar o método tradicional, voltado apenas para as questões atinentes ao ensino, dedicando-se mais atenção aos aspectos relacionados com a aprendizagem. A revista *A Escola*, periódico idealizado e dirigido pelo professor Honório Guimarães, que circulou na cidade de Uberlândia durante a década de 1920, fornece um exemplo da questão. Segundo Araújo (2002), um dos traços distintivos dessa revista, em relação ao pensamento educacional do período em que foi editada, incide sobre o seu “caráter inovador”, uma vez que antecipou um “ideário moderno de educação”, que iria começar a propagar-se no país no final da década de 1920. Um dos matizes da modernidade daquela Revista pode ser observado na defesa da pedagogia moderna em detrimento de “métodos pedagógicos antiquados”, tema de vários artigos publicados em suas páginas.

Gonçalves Neto, após analisar alguns aspectos relacionados à imprensa, educação e civilização em Uberlândia, nas primeiras décadas do século XX, ratifica essa análise encetada por Araújo acerca da circulação de concepções pedagógicas de feições modernizantes na cidade, antes mesmo da implantação das reformas estaduais que difundiriam o ideário escolanovista no país. Para o autor: “[...] a noção de educação na Uberabinha do início do século assumia um caráter muito mais amplo que a simples instrução escolar, avançando realmente pela proposta de formação da cultura [...]”. (GONÇALVES NETO, 2002, p. 214).

Com efeito, nos anos posteriores essas orientações prevaleceram, uma vez que, a partir de 1920 e 1930, as propostas visando a mudanças no processo educativo, anunciadas pelos educadores envolvidos com a Escola Nova, incorporaram muitas das noções difundidas pelo método intuitivo e as reformularam, a fim de adaptá-las ao seu programa de reforma. Segundo Vidal (2000, p. 497):

Já no fim do século XIX, muitas das mudanças afirmadas como novidades pelo 'escolanovismo' nos anos de 1920 povoavam o imaginário da escola e eram reproduzidas, como prescrição, nos textos dos relatórios de inspetores e nos preceitos legais.⁶

A reforma do ensino realizada durante o governo de Antônio Carlos, no ano de 1927, no estado de Minas Gerais, constitui-se um exemplo, pois a orientação para muitos dos pontos colocados em pauta fundamentava-se em alguns dos princípios da Escola Nova.

Contudo, não se pode afirmar que a Escola Nova apenas incorporou os preceitos estabelecidos pelo Método Intuitivo, pois aquele movimento apresentou pontos de afastamento do referido método. Em seu texto sobre as propostas subjacentes ao escolanovismo para a leitura e a escrita, Vidal comenta tanto a aproximação da Escola Nova com o método intuitivo quanto os deslocamentos que aquela produziu em relação a este. Segundo a autora, para a Escola Nova:

O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viagem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do 'ouvir' para o 'ver', agora o ensino associava 'ver' a 'fazer'. (VIDAL, 2000, p. 498).

⁶ Dentre as propostas, situam-se: “[...] a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno.” (VIDAL, 2000, p. 497).

Embora já em processo de implantação nas escolas mineiras, muitas das orientações da Escola Nova ainda não estavam plenamente incorporadas por Arantes. Este parecia ainda mais ligado ao método intuitivo, privilegiando a observação como forma eficaz de aprendizagem, mas ainda sem relacioná-la à necessidade de construção do conhecimento pelos próprios alunos. No ano de 1938, por exemplo, quando já atuava como inspetor de ensino municipal, Arantes preocupava-se em adequar o ensino às condições dos alunos como uma das formas de assegurar-lhes (particularmente para aqueles que necessitavam dividir o tempo entre o estudo e o trabalho) uma aprendizagem mais eficaz dos conhecimentos ministrados durante as aulas. Em uma visita de inspeção realizada no Grupo Noturno Municipal, ele assim orientou a professora:

À professora do 4º. ano fiz ciente da maneira mais intuitiva de ensinar o ponto sobre Mares e Continentes, pelo estudo direto no mapa representando planisfério, dispensando as lições por palavras, ensino mais moroso e de menos resultado prático, mormente para adultos que não dispõem de tempo para consultar compêndios para um estudo mais detalhado. (UBERLÂNDIA, 1938b, p. 32).

Nos livros escolares que escreveu, Arantes também sugeriu o emprego de alguns dos preceitos difundidos pelo método intuitivo como estratégia de ensino e aprendizagem. Em *Minha escola modelo*, por exemplo, ele apresentou, na penúltima lição, denominada *Semana Instrutiva*, uma programação para ser cumprida com os alunos, que previa, para cada um dos dias da semana, visitas orientadas a algumas instituições sociais e a determinados locais de trabalho, tais como: oficina de marcenaria, carpintaria e serraria; sapataria; penitenciária; jardim público; cultura de hortaliças e pomar do Ministério da Agricultura. Essa programação, segundo a lição do livro, teria resultado em um bom saldo de conhecimentos para os alunos, denotando a eficiência do método. A professora, personagem fictícia do livro, fez a seguinte avaliação destas atividades:

Este ano fomos bastante felizes fazendo o nosso trabalho de observação, visitando as fábricas, as prisões e os campos de agricultura. [...] Muitas cousas viram. Somente mostrei-lhes aquilo que poderá ser útil na vida que lhes espera no futuro, para onde vão. Aprenderam com a própria observação, vendo e analisando. (ARANTES, 1938b, p. 59).

Na segunda edição de sua *Cartilha brasileira*, Arantes também fez referências à necessidade de ilustrar os conteúdos ensinados nas lições com situações concretas, que

melhor poderiam ser apreendidas pelos alunos. Ao trabalhar a noção da passagem das horas e das formas empregadas para medir o tempo, o autor recomenda, em uma nota, que o professor utilizasse o relógio no dia daquela aula. (ARANTES, 1938a, p. 44).

Conquanto Arantes já aventasse a necessidade de superar o ensino calcado apenas na assimilação dos conteúdos por meio quase exclusivo da audição, o seu enfoque, até então, incidia somente sobre a importância do ato de ver como melhor caminho para aprender. Em suma, ainda não estava em questão a possibilidade de o aluno construir o conhecimento, conforme assinalaram os ideólogos da Escola Nova. Tanto nas orientações pedagógicas presentes na documentação do *Colégio Amor às Letras* quanto na literatura educacional produzida por Arantes, prevalecia o “ver” sobre o “fazer”.

Este distanciamento verificado entre as representações construídas por Arantes em seu *Amor às Letras* e aquelas que já estavam inscritas no âmbito da Escola Nova, embora possa ser explicado em função das características subjacentes à própria formação escolar e intelectual de Arantes (a primeira se restringiu ao curso ginásial e a segunda manifestava-se sobretudo pela ausência de indícios que possibilitassem concluir sobre a realização de leituras acerca de teorias da educação e mesmo da história), remete à questão proposta por Chartier (1991, p. 180) referente às condições e aos processos que amparam “[...] as operações de produção de sentidos.” Esses são construídos historicamente e variam segundo os “[...] tempos, os lugares e as comunidades”.

Dessa forma, ao contrário de uma submissão de Arantes às estratégias estabelecidas, deparamo-nos frente a frente com a sua capacidade inventiva, pois: “[...] nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas [...], as categorias dadas como invariantes, [...], devem ser construídas historicamente.” (CHARTIER, 1991, p. 180).

Em um período alimentado pela crença de que a escola constituía-se na panacéia para solucionar problemas seculares — porém agravados com o advento do regime republicano —, a atuação de Arantes no âmbito educacional na direção e docência do Colégio Amor às Letras significou a completa sintonia com os valores que se depositavam no saber escolar. O seu envolvimento com o curso primário, fosse como provedor dessa modalidade de ensino enquanto proprietário de uma escola fosse como docente, lhe serviu para projetar-se no meio cultural de Uberlândia e no ano de 1962 ainda era saudado por ex-alunos:

Caro mestre,

Pode fazer desta modesta propaganda o uso que lhe convier. José Luciano foi seu aluno, freqüentando apenas o 2.º ano primário, no sempre lembrado COLÉGIO 'AMOR ÀS LETRAS', que o senhor dirigiu, como bom professor, muitos anos, no tempo de Uberabinha, aí no Largo do Rosário. Quantos pais e mães de famílias que hoje são, estudaram naquele bom colégio, do qual tenho profunda saudade. (LUCI, 1962, não paginado).

Em seu *Colégio Amor às Letras*, Arantes transitava entre o *velho* e o *novo*, o tradicional e a renovação, e assim adquiriu o reconhecimento da sociedade local e sobretudo dos políticos, que não hesitaram em confiar-lhe a responsabilidade pela fiscalização, organização e desenvolvimento do ensino mantido pela prefeitura, nomeando-o primeiro, em 1933, como inspetor de ensino e, posteriormente, entregando-lhe a chefia do Serviço de Educação e Saúde do Município, iniciando assim a sua longa carreira no serviço público municipal, encerrada em 1959 com a aposentadoria.

Referências

- ARAÚJO, J.C.S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista *A Escola* (1920 - 1921). In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). *Novos temas em História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 91-132.
- BLOCH, M. *Apologia da história* ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v. 5, n. 11, p. 173-91, 1991.
- CUNHA, M.V. da. *A educação dos educadores - Da Escola Nova à escola de hoje*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- FARIA FILHO, L.M. de; VAGO, T.M. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: VIDAL, D.G.; HILSDORF, M.L.S. *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.117-136.
- FARIA FILHO, L.M. de; VIDAL, D.G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 19-34, 2000.
- GONÇALVES NETO, W. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs.). *Novos temas*

em *História da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 197-225.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gisele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 01, jan-jul, p. 9-43, 2001.

LIMA, S.C.F. de. *Memória de si, história dos outros*: Jerônimo Arantes, a educação, a política e a história em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961. 2004. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2004.

_____. História e Representações do Colégio Amor às Letras (Uberlândia/MG, 1919/1933). In: III CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2005, São João Del Rei. *Anais do III Congresso [...] Gerais*. São João Del Rei: UFSJ, 2005, p. 1-13. CD-ROM.

MAGALHÃES, J. *Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*. Editora Universitária São Francisco, CDAPH, Bragança Paulista: 2004.

MELLO, J.M.C. de; NOVAIS, F.A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 2002, p. 559-658.

MOURÃO, P.K.C. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.

NAGLE, J. *Educação e sociedade na primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RESENDE, F.M. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. In: LOPES, A. A.B. de M. e outros (Orgs.). *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 440-49.

REGOURD, F. Fazer a história da escola. In: CROIX, d'Alain; GUYVARC'H, Didier. *Guide de l'histoire locale*. Paris: Seuil, p. 2-8, 1990. (Tradução Geraldo Inácio Filho).

SOUZA, R. F. de. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 51, p. 9-28, 2000.

VIDAL, D. G. Escola Nova e processo educativo: In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 497-517.

Fontes

ARANTES, Delvar: depoimento [maio 2000]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2000. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

_____: depoimento [abr. 2001]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia, 2001. 1 fita cassete (60 min), estéreo.

ARANTES, Jerônimo. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938a, p. 44.

_____. A luz das letras: 1935 - 1940. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 10, p. 7-8, jul. 1941. Arquivo Público de Uberlândia (ArPU). Coleção Professor Jerônimo Arantes (CPJA).

_____. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1938b, p. 20.

COLLEGIO ‘Amor às Letras’. [Folder]. Uberabinha, s.d. ArPU. CPJA. PT.

CONCEIÇÃO, Miguela Abadia da. [Requerimento]. Uberabinha, 10 fev. 1927. Requerimento expedido a Eduardo Marquez, presidente da Câmara, solicitando-lhe o subsídio da matrícula de uma criança sem recursos financeiros no Colégio Amor às Letras. ArPU. CPJA. PT.

DALBAS JUNIOR. O pimenta. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 6, p. 31, jul. 1940. ArPU. CPJA.

FLEURY, Othon. Efetivo predial e população da cidade de Uberlândia. *Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n. 4, p. 27, jul. 1939. ArPU. CPJA.

LUCI- [ilegível], José. [carta]. S.l., set. 1962. Carta de um ex-aluno ao professor Jerônimo Arantes a fim de apoiar-lhe a candidatura a Juiz de Paz da Comarca de Uberlândia. ArPU. CPJA. PT.

MARQUEZ, Eduardo. [carta]. Uberabinha, 15 jan. 1923. Carta do presidente da Câmara Municipal de Uberlândia ao professor Jerônimo Arantes solicitando-lhe a matrícula no *Colégio Amor às Letras* dos alunos subsidiados pelo legislativo. ArPU. CPJA. PT.

UBERABINHA. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 2º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925a. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. Escola Municipal de Uberabinha (noturna). *Provas de exame do aluno - 3º. Ano*. Uberabinha, dez. 1925b. ArPU. CPJA. PT.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. *Ata de exame realizado no dia 19 nov. 1926*. Uberabinha, 1926. [Livronão identificado], p. 30. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 10 [ilegível] 1919*. Uberlândia, 1919. [Livro e página não identificados]. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 abr. 1928*. Uberabinha, 1928a. [Livro e página não identificados]. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 set. 1928*. Uberlândia, 1928b. [Livro não identificado], p. 31. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 25 out. 1928*. Uberlândia, 1928c. [Livro e página não identificados]. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 out. 1928.* Uberlândia, 1928d. [Livro e página não identificados]. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 30 abr. 1929.* Uberlândia, 1929. [Livro e página não identificados]. ArPU. CPJA. PT.

_____. Prefeitura Municipal. *Ata do termo de visita realizada no dia 22 mar. 1938.* Uberlândia, 1938. Livro 95, p. 32. ArPU. ARE.

A VIDA escolar em Uberlândia. *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 11 maio 1930. ArPU. CPJA.

Enviado em: Abr. 2018.

Aceito em: Jul. 2018.

Como referenciar este artigo:

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. O Amor às Letras: uma escola e o seu professor em Uberlândia/MG (1919/1933). **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n° 11, p. 40-60, mai/ago, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index> >. e-ISSN: 2359-2087.